

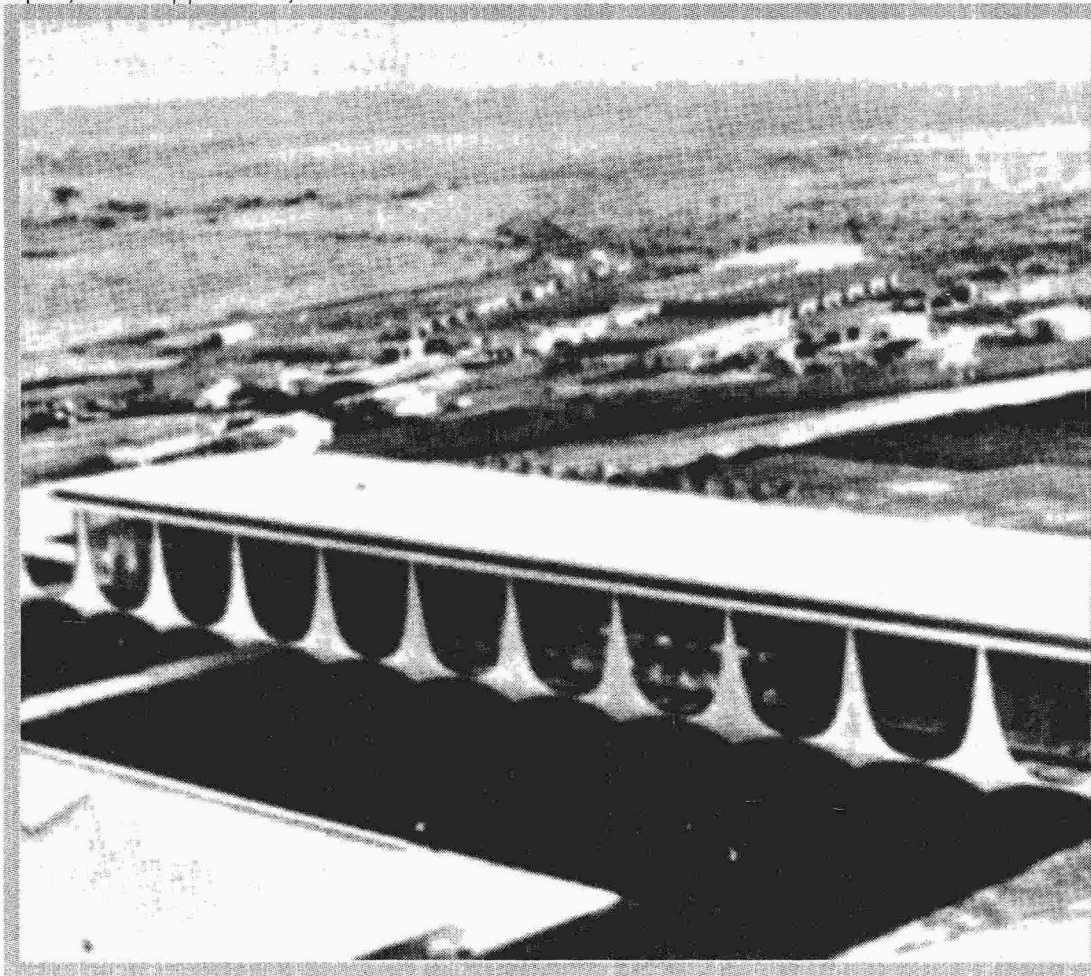
PIONEIROS



Edson Contente Barra

Jornadas de dia e de noite para concluir as obras

Reprodução do livro *A Epopéia da Construção de Brasília*



STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Vinte dias. Esse era o tempo que o paraense Edson Contente Barra havia previsto para ficar em Brasília. A vinda para cá tinha um motivo. Cobrir as férias de um engenheiro, funcionário da construtora Flávio Espírito Santo, de propriedade de seu cunhado. “Eu estava de férias e o Flávio me pediu para trabalhar alguns dias aqui. No entanto, vim e estou aqui há 45 anos”, contabiliza o candango.

Nascido na histórica Cametá (PA), às margens do rio Tocantins, o pioneiro deixou para trás a vida estável em Belém, um bom salário, os pais e irmãos. Na época, Edson desfrutava do privilégio de trabalhar na maior companhia aérea da América Latina, a Real Aerovias. Vendida para a Varig no final da década de 50, a antiga companhia dispensou os funcionários, inclusive Edson que passou a ser disputado pela compradora (Varig) e pela Paraense Transportes Aéreos. A escolha não foi nenhuma das duas. Ele preferiu vir para Brasília. “O engenheiro da construtora Flávio Espírito Santo que havia saído para fazer uma cirurgia em São Paulo voltou, mas resolveu abrir uma firma independente. Então eu acabei ficando por aqui e trabalhando na construção civil”, explica. Segundo o pioneiro, naquela época havia emprego para todo mundo, trabalho era o que não faltava. Ninguém ficava de-

sempregado na capital.

A princípio, Edson se mostrou um pouco receoso com o projeto de Juscelino. Mas, com o tempo foi se acostumando com a idéia. “Aqui não tinha nada. E o pior é que tínhamos que inaugurar Brasília até abril de 1960”. O candango tinha razão. Em menos de um ano (ele chegou em julho de 1959) tinha que estar pronto a capital do país para a inauguração. Uma missão quase impossível. “Para isso, nós trabalhávamos dia e noite”. Quando Edson chegou aqui, Brasília se resumia apenas a

algumas casas na W3, ao Palácio Alvorada — que estavam prontos — e à rodoviária, ao Congresso Nacional e ao Hospital de Base, ainda em construção. “A Asa Norte então, nem existia. No local era só mato”. A saudade da família apertava cada vez mais e quase fez Edson arrumar as malas para voltar a Belém. “No início pensei em voltar. Aqui não tinha nenhum atrativo e além do mais tinha muita saudade dos irmãos e de meus pais. Eu tinha uma vida boa, tranquila, mas hoje não me arrependo”, afirma.

O tempo foi passando e com ele aumentava ainda mais a responsabilidade nos trabalhos. Com seis meses, morando na capital, Edson se tornou sócio do cunhado e passou a responder pela administração da Flávio Espírito Santo. A construtora não tinha escritório fixo, funcionava num barraco de madeira improvisado nas próprias obras. “Ora estava funcionando no Lago, ora no Eixão ou na Esplanada”, explica o sócio.

O pioneiro foi responsável pelas primeiras construções re-

NA ÉPOCA QUE EDSON CHEGOU EM BRASÍLIA, UMA DAS ÚNICAS CONSTRUÇÕES CONCLUÍDAS ERA A DO PALÁCIO ALVORADA

sidenciais de Brasília. Pelo primeiro bloco na 311 Sul, chamado de Parabahia em homenagem aos dois sócios (um baiano e outro paraense) e pelo bloco ao lado onde está o edifício Flávia Hilca, em homenagem à sobrinha. A construtora também assinou outras importantes obras como o bloco da 408 Sul, cujo nome foi escolhido em homenagem à sua filha, Ana Paula, e pela pavimentação da 311 Sul que serviria de passagem da comitiva presidencial no aniversário de Juscelino Kubitschek. A marcação era acirrada. Segundo o sócio da construtora, o presidente da Novacap, Israel Pinheiro, mandou um recado avisando que a obra teria de ser inaugurada impreterivelmente em 12 de setembro. “Para entregar a obra a tempo tivemos que dar duro, mas concluímos num prazo recorde de dezesseis dias”, conta o sócio. A areia e o cascalho para a construção da passagem foram comprados do empresário Joaquim Roriz, que “possuía umas dragas lá no rio Corumbá”. Os problemas sempre apareciam nas horas mais impróprias. Principalmente com os equipamentos. “A gente usava muito aqueles motores a gasolina e eles

PIONEIROS

O pioneiro veio trabalhar na construção da cidade, a convite do cunhado, durante seu período de férias em Belém. Virou sócio da empresa e está até hoje em Brasília

EDSON COM A
FAMÍLIA NA CIDADE
QUE ESCOLHEU E SE
ORGULHA DE MORAR



sempre davam problemas. Talvez fosse porque funcionassem exaustivamente. Às vezes a gente improvisava ou apelava para a gambiarra mesmo", conta.

Apesar de todas as dificuldades, o tempo curto e o ritmo apressado nas obras, "fazíamos tudo com muito amor, havia muita amizade entre os operários e a confiança entre os trabalhadores era muito grande". O pioneiro recorda de alguns boatos que aconteciam vez ou outra e que mudavam o ambiente nas obras. Foi durante a construção dos viadutos, nas proximidades da ponte do Bragueto, no Eixo Norte. O pioneiro conta que os operários ficaram trabalhando até altas horas na obra que deveria ser entregue e inaugurada pelo novo presidente, Jânio Quadros, no dia seguinte, às 10h. "Corria um boato de que o presidente iria suspender todos os pagamentos da Novacap para fazer uma averiguação dos contratos da época". Os operários terminaram o serviço às 3h da madrugada e correram para a Companhia Urbanizadora para receberem o pagamento com medo de uma possível suspensão. "No outro dia o presidente tomou posse, a obra foi inaugurada e não aconteceu nada", lembra Edson. "Eram apenas boatos, nessa época não havia corrupção ou irregularidades, todos trabalhavam honestamente", acrescenta.

A vida social

Após a inauguração da capital, o ritmo de trabalho diminuiu e o pioneiro pode aproveitar melhor a noite no Planalto. Se é que havia diversão naquela época. "Eu ia para Goiânia dirigindo um jipe com tração nas quatro

“A GENTE USAVA MUITO AQUELES MOTORES A GASOLINA E ELES SEMPRE DAVAM PROBLEMAS. TALVEZ FOSSE PORQUE FUNCIONASSEM EXAUSTIVAMENTE. ÀS VEZES A GENTE IMPROVISAVA OU APELAVA PARA A GAMBIARRA MESMO”

rodas, uma vez por mês. Quando não ia para o Rio de Janeiro, porque em Brasília não havia mulheres", afirma. Nem as péssimas condições da estrada — naquela época não era asfaltada — impediam a viagem do solteiro. "Eram muitos homens para pouquíssimas mulheres", observava Edson. Apesar da ausência delas, foi aqui mesmo que ele conseguiu uma noiva. Foi na Novacap, durante uma de suas visitas a trabalho. "Nos conhecemos em janeiro de 1961 e nos casamos em novembro do mesmo ano". A cerimônia de casamento foi longe daqui, em Araxá (MG), terra natal da secretária dos órgãos colegiados da Novacap, segundo ele, um cargo muito importante na ocasião. De volta à capital, o casal foi morar na 408 Sul. "Depois a Idê teve direito a um apartamento na 315 Sul, onde moramos há mais de 40 anos".

O ex-morador do Brasília Palace Hotel era frequentador assíduo do Paranoá clube, na Candangolândia. "Lá não tinha nada, mas era o local onde a gente se reunia". Era num barracão de madeira que funcionava o clube. "Nos finais de semana o pessoal organizava uma festa e contrata-

va uma orquestra, formada aqui em Brasília mesmo. E ali a gente dançava e se divertia". Segundo ele eram cem homens para cada dez mulheres. "Quem tinha namorada levava a sua e quem não tinha ficava só olhando", lembra. Edson também costumava frequentar a boate do Brasília quando morava lá. A diversão no hotel não durou muito, menos de um ano, quando ainda era solteiro e aguardava o término de um galpão na 513 Sul.

Pai de dois filhos, o advogado — formado na segunda turma de Direito do UniCeub — nem imagina como seria sua vida caso tivesse voltado para o Pará. "Me sinto bem morando aqui. Gosto muito da cidade e de seu povo". O maior orgulho do pioneiro é poder ajudar os outros. Desde 1967, ele monitora cursos de noivos na Arquidiocese de Brasília. "Antes havia apenas um curso, que funcionava no auditório da Novacap, onde hoje é a Secretaria da Fazenda. Começamos com oito casais até chegar a 200". O sucesso do curso acabou obrigando o pioneiro a dividi-lo em grupos. "Hoje o curso de noivos funciona em 57 paróquias, onde são realizados cerca de 250 cursos por ano", comemora.

Raio X

Nome: Edson Contente Barra
Idade: 71 anos
Origem: Cametá, Pará
Ano de chegada a Brasília: 1959
Profissão: Empresário e advogado
Estado civil: Casado
Esposa: Idê Aparecida Bittar Barra
Filhos: Ana Paula e Edson
Netos: Thiago e Matheus